

Um
mundo de
oportunidades

Volume 5
Origem: vegetal

AGRO INSIGHT



Institucional

LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA

Presidente da República

CARLOS HENRIQUE BAQUETA FÁVARO

Ministro de Estado da Agricultura e Pecuária

IRAJÁ REZENDE DE LACERDA

Secretário-Executivo do Ministério da Agricultura e Pecuária

GUILHERME CAMPOS JÚNIOR

Secretário de Política Agrícola do Ministério da Agricultura e Pecuária

CARLOS GOULART

Secretário de Defesa Agropecuária do Ministério da Agricultura e Pecuária

LUIS RUA

Secretário de Comércio e Relações Internacionais do Ministério da Agricultura e Pecuária

PEDRO ALVES CORRÊA NETO

Secretário de Inovação, Desenvolvimento Sustentável, Irrigação e Cooperativismo do Ministério da Agricultura e Pecuária

CARLOS ERNESTO AUGUSTIN

Assessor Especial do Gabinete do Ministério da Agricultura e Pecuária

CARLA MADEIRA GONÇALVES SIMÕES DOS REIS

Chefe de Assessoria Especial de Comunicação Social do Ministério da Agricultura e Pecuária

4ª edição. Ano 2025

Elaboração, distribuição, informações:

Ministério da Agricultura e Pecuária

Secretaria de Comércio e Relações Internacionais

Departamento de Promoção Comercial e Investimentos - DPR

Coordenação-Geral de Gestão dos Adidos Agrícolas

Endereço: Esplanada dos Ministérios, Bloco D - 3º andar, Sala 300

CEP: 70043-900 Brasília - DF

Tel.: (61) 3218-2821 e-mail: divulgacao.scri@agro.gov.br

Editorial:

Priscilla Burmann

João Huguenin

Coordenação:

Carolina Eufemia Aquino de Sá

Ângela Pimenta Peres

Estella R. Borges de Brito

Jennifer Santos Costa

Jennya Silva Brito

Manoel Augusto Soares Junior

Marcel Moreira

Filipe Guerra

Equipe técnica:

Carlos Vitor Muller

Eduardo Sampaio Marques

José Guilherme Tollstadius Leal

Adriano Perrelli Pestana de Castro

Luciana Pich Gomes

Andrea Claudia Parrilla

Daniela de Moraes Aviani

Silvio Luiz Rodrigues Testaseca

Glauco Bertoldo

Nilton Antônio de Moraes

Paulo Márcio Mendonça de Araújo

Rodrigo do Espírito Santo Padovani

Leandro Diamantino Feijó

Jean Felipe Celestino Gouhie

Clóvis Augusto Versalli Serafini

Ricardo Zanatta Machado

Priscila Rech Pinto Moser

Rafael Mohana de Carvalho Refosco

Vanessa Medeiros de Jesus

Ana Lúcia de Paula Viana

Fabiana Villa Alves

Virginia Arantes Ferreira Carpi

Ângelo de Queiroz Maurício

Bruno Cavalheiro Breitenbach

Marlos Schuck Vicenzi

Fernanda Vanessa Mascarenhas

Magalhães

Marco Aurélio Pavarino

Dalci de Jesus Bagolin

Ellen Elizabeth Laurindo

Adriane Reis Cruvinel

Frederique Rosa e Abreu

Warley Efrem Campos

Márcio Rezende Evaristo Carlos

Marco Túlio Santiago

Luiz Cláudio de Santana e Caruso

Rafael D'Aquino Mafra

Ana Carolina Miranda Lamy

Diego Leonardo Rodrigues

Juliano Vieira

Leandro Antunes

Permitida a reprodução sem fins lucrativos, parcial ou total, por qualquer meio, se citada a fonte e o sítio da Internet onde pode ser encontrado o original (www.gov.br/agricultura).

Catálogo na Fonte

Biblioteca Nacional de Agricultura – BINAGRI

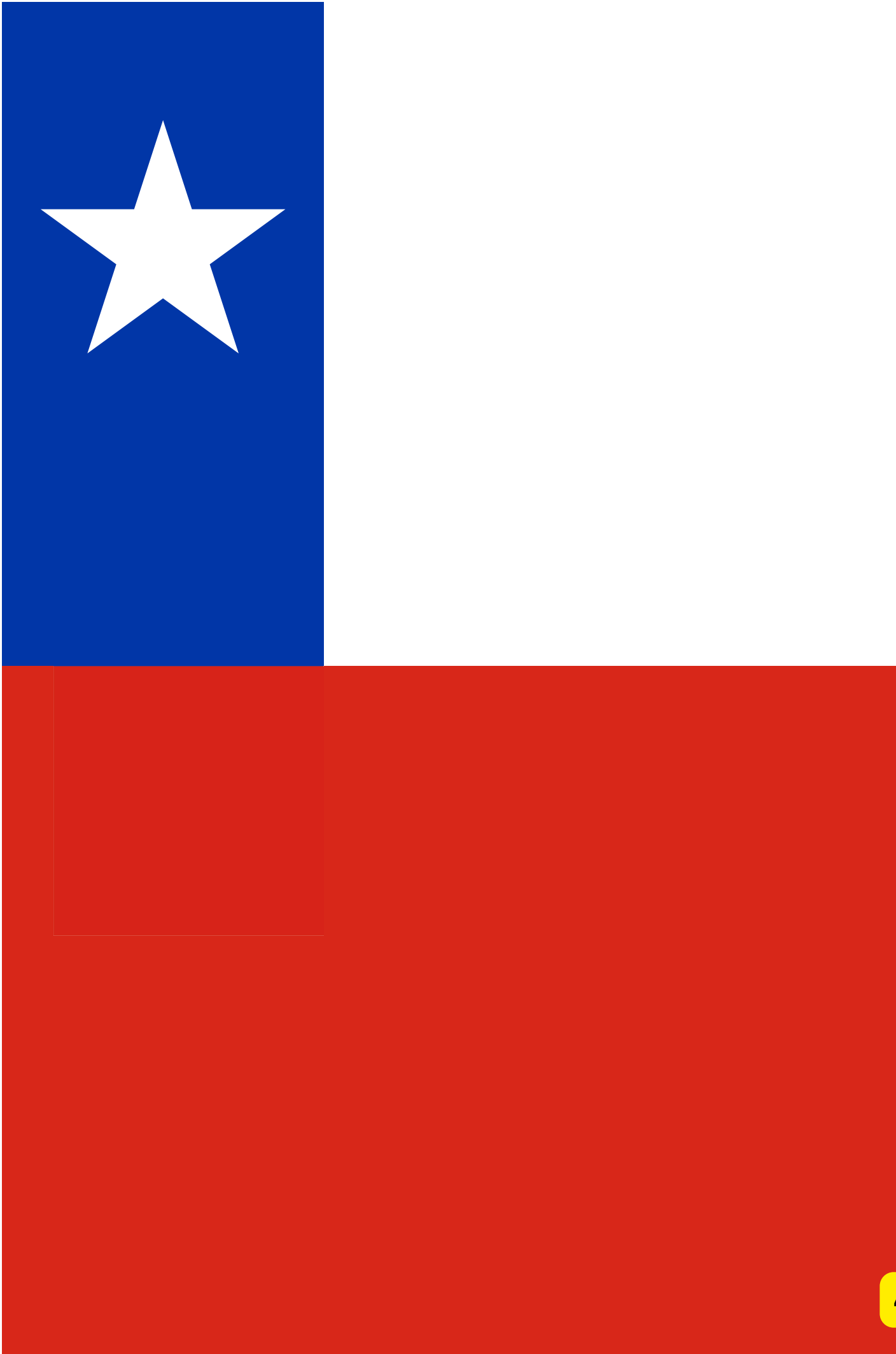
Resumo

O AgrolInsight nasce do compromisso do Ministério da Agricultura e Pecuária com o fortalecimento da presença do agronegócio brasileiro no mercado internacional.

Desenvolvido pela Secretaria de Comércio e Relações Internacionais (SCRI), com apoio dos adidos agrícolas presentes em 38 países, o material reúne análises estratégicas e oportunidades de negócios para produtores, exportadores e associações setoriais que buscam crescer de forma competitiva e sustentável.

Com base nas diretrizes do ministro Carlos Fávaro e sob a liderança do secretário Luis Rua, o AgrolInsight é resultado do esforço de uma equipe dedicada que acredita no potencial do Brasil como potência agroexportadora.

Este relatório é mais do que um compilado de dados — é uma ponte entre o agro brasileiro e o mundo.



PERSPECTIVAS PROMISSORAS PARA O MERCADO DE FEIJÃO BRASILEIRO NO CHILE.

Data: 12/05/2025

Posto: Santiago/República do Chile

Palavras-chave: feijão, feijões secos comuns, feijões secos comuns em grãos, exportação, produção nacional, acordo de livre comércio, corredor bioceânico, produtores, leguminosas

Responsável: Rodrigo Padovani

SUMÁRIO:

O Brasil tem potencial para aumentar suas exportações de feijões comuns secos para o Chile, apesar de sua participação ainda ser limitada. Entre os fatores que podem impulsionar esse crescimento estão a parceria comercial consolidada entre os países, o Acordo de Livre Comércio que elimina barreiras técnicas, a infraestrutura logística favorável, incluindo o futuro corredor bioceânico, e a proximidade com estados produtores como o Paraná. Esses elementos contribuem para uma maior competitividade do feijão brasileiro no mercado chileno.

INTRODUÇÃO

O feijão desempenha um papel crucial na segurança alimentar global e na economia agrícola. Ele é uma das principais fontes de proteína vegetal, especialmente para populações de baixa renda, e contribui para a nutrição ao fornecer fibras, vitaminas e minerais essenciais. Além disso, seu cultivo tem impacto positivo na sustentabilidade agrícola, pois melhora a fertilidade do solo por meio da fixação de nitrogênio.

O feijão é uma leguminosa pertencente à família Fabaceae, que inclui principalmente dois gêneros: *Phaseolus* e *Vigna*. O primeiro é o mais conhecido no Brasil e no Chile e corresponde à espécie *Phaseolus vulgaris*, originária do continente americano, onde se encontram os feijões comuns. Essa espécie inclui variedades amplamente cultivadas, como feijão preto, feijão carioca, feijão vermelho e feijão branco, sendo a leguminosa alimentícia mais importante para consumo humano direto.

Algumas espécies anteriormente classificadas como *Phaseolus* passaram por reclassificação e hoje pertencem ao gênero *Vigna*. Entre elas estão:

- Feijão-mungo (*Vigna radiata*) – Originário do subcontinente indiano, possui sementes pequenas e é conhecido como feijão-verde ou mung bean. Cultivado amplamente na Ásia, é apreciado especialmente por seus brotos frescos.
- Feijão-adzuki (*Vigna angularis*) – Pequeno e de coloração vermelha, é muito utilizado na culinária asiática, principalmente em sobremesas e pratos doces.
- Feijão-caupí (*Vigna unguiculata*) – Também chamado de caupí, chícharo de Angola ou feijão-de-olho-preto, tem origem africana e hoje é cultivado em diversas regiões tropicais e subtropicais. Destaca-se pela resistência a condições adversas, como altas temperaturas, escassez de água e solos pobres, onde outras leguminosas não prosperariam.

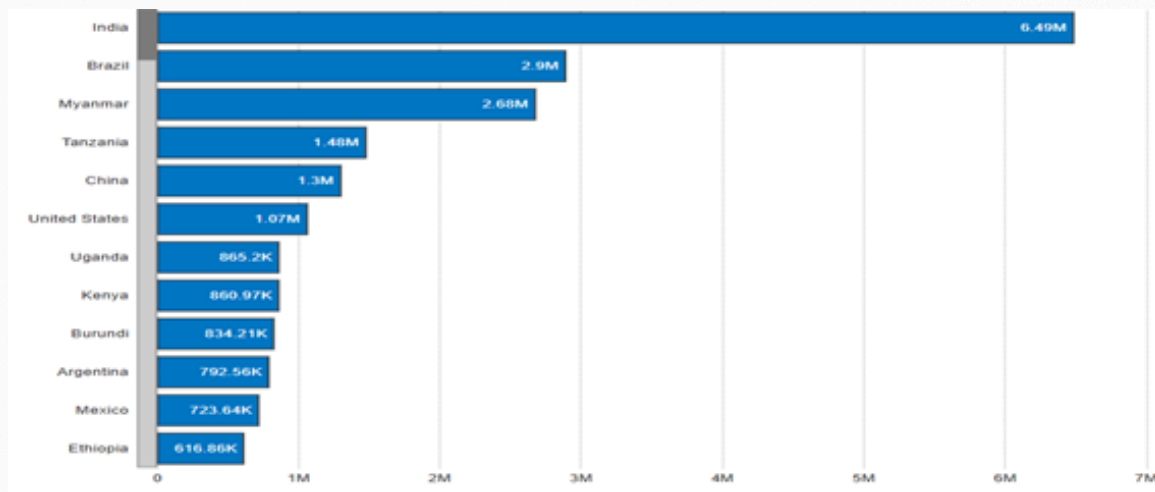
O feijão seco é a forma mais comercializada globalmente devido à sua alta durabilidade, permitindo armazenamento prolongado sem necessidade de refrigeração. Essa característica torna o feijão seco uma opção viável para mercados internacionais e regiões com infraestrutura limitada para conservação de alimentos. Além disso, sua versatilidade culinária possibilita diferentes preparos e adaptações em diversas tradições gastronômicas ao redor do mundo ⁽¹⁾.

Principais produtores mundiais de feijão seco

O feijão é uma das leguminosas mais cultivadas e consumidas no mundo, sendo uma fonte essencial de proteína vegetal para diversas populações. Em 2023, a produção global de feijão seco foi dominada por diversos países, refletindo a importância desse alimento na segurança alimentar e na economia agrícola. A Índia se destacou como líder mundial, produzindo aproximadamente 6,49 milhões de toneladas, impulsionada por sua grande área agrícola e alta demanda interna. Em seguida, o Brasil consolidou sua posição como segundo maior produtor, com 2,89 milhões de toneladas.

O Myanmar, terceiro maior produtor mundial, registrou uma produção de 2,68 milhões de toneladas, sendo um dos principais exportadores para mercados como Índia e China. A Tanzânia, com uma contribuição de 1,48 milhões de toneladas, destaca-se na África como um dos maiores produtores. Já a China, que produziu 1,30 milhões de toneladas, mantém uma forte demanda interna, além de exportar para diversos países asiáticos. Os Estados Unidos, com 1,07 milhões de toneladas, são um dos principais produtores e exportadores globais, com cultivos mecanizados em estados como Kansas e Nebraska. No continente africano, Uganda e Quênia aparecem na lista dos maiores produtores, com 865 mil e 860 mil toneladas, respectivamente, garantindo a segurança alimentar de milhões de pessoas. Além disso, Burundi, com 834 mil toneladas, e Argentina, com 792 mil toneladas, completam o grupo dos dez maiores produtores mundiais, contribuindo significativamente para o abastecimento global de feijão seco ⁽²⁾.

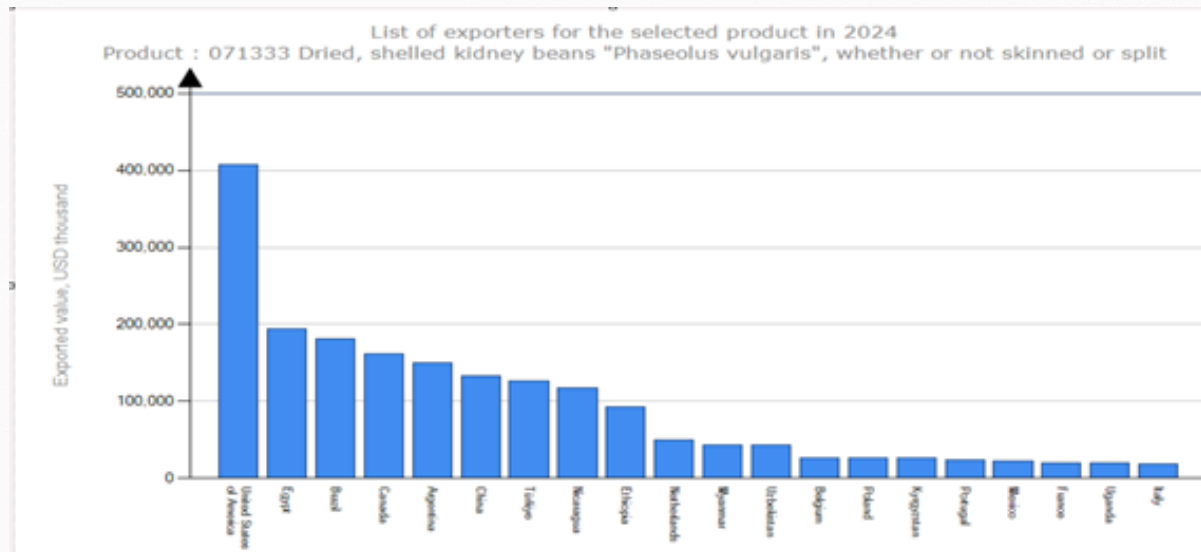
Gráfico 1. Produção de feijão seco por país em dezembro de 2023. (toneladas, dezembro de 2023).



Fonte: The World Ranking ⁽²⁾.

A seguir, dispõe-se o Gráfico 2 apresenta os dados sobre os principais países exportadores de feijões comuns secos, pertencentes à espécie *Phaseolus vulgaris*, no ano de 2024, segundo informações da plataforma Trade Map ⁽³⁾. A análise destaca as nações que mais contribuíram para o comércio global desse produto, evidenciando tendências de exportação e participação no mercado internacional.

Gráfico 2 – Principais Países Exportadores de Feijões Comuns Secos (*Phaseolus vulgaris*) em 2024, segundo a plataforma Trade Map



Fonte: Trade Map ⁽³⁾

Consumo de feijões secos no Chile

Os feijões fazem parte da gastronomia chilena, especialmente em pratos tradicionais como “porotos con rendas” (feijão cozido com macarrão, abóbora e temperos) “porotos granados” (feijão fresco ou seco preparado com milho, abóbora e manjerição) e “cazuela de porotos” (Ensopado de feijão com carne e vegetais). Essas receitas que remontam à época colonial. Além de seu valor nutricional, os feijões secos carregam um forte significado cultural, sendo associados à identidade alimentar do país.

Apesar de sua relevância histórica, o consumo de feijões secos no Chile tem caído drasticamente. Estudos indicam que, nas últimas décadas, houve uma redução de mais de 50% no consumo per capita. Segundo último estudo da Oficina de Estudios y Políticas Agrárias, do Ministério da Agricultura do Chile (ODEPA/MINAGRI) acerca deste tema, foi estimado que cada habitante do Chile consumia 1,3 Kg de feijão por ano ^(5, 6). Entre os fatores que explicam essa queda estão:

- Mudança nos hábitos alimentares – A população chilena tem optado por alimentos mais rápidos e processados, reduzindo o preparo de pratos tradicionais.
- Percepção de status social – O feijão seco, antes visto como um alimento básico, passou a ser associado a períodos de dificuldades econômicas, levando ao seu abandono por parte das novas gerações.
- Expansão do mercado de proteínas alternativas – O aumento do consumo de carnes e produtos industrializados reduziu a demanda por leguminosas.

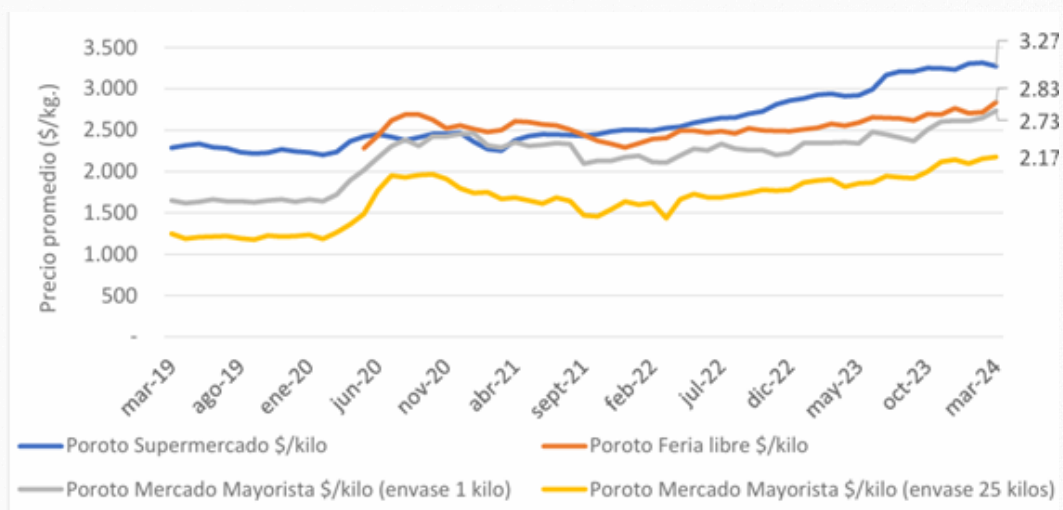
Declínio da produção local e dependência das importações para abastecimento do mercado nacional

Segundo estudo de 2024 publicado pela ODEPA/MINAGRI, o feijão seco é comercializado por peso no Chile, sendo sua produção destinada principalmente ao mercado nacional. No entanto, o país não é autossuficiente na produção dessa leguminosa, o que torna necessário importar feijão para suprir a demanda interna. As exportações ainda são limitadas, e em 2023 foram enviadas 134 toneladas de feijão seco para consumo, representando apenas 1,6% da produção nacional.

O mercado chileno de feijão seco, assim como o de outras leguminosas, apresenta um baixo nível de formalização tributária. A decisão dos produtores sobre a área de cultivo geralmente se baseia na experiência de anos anteriores, resultando em flutuações significativas nos volumes de produção anuais. Essas variações impactam diretamente os preços recebidos pelos agricultores, como evidenciado nos dados apresentados adiante.

A comercialização do feijão seco envolve numerosos produtores conectados a uma ampla rede de compradores potenciais. Como se trata de um alimento de armazenamento prolongado, há uma relativa estabilidade nos preços. Esse comportamento pode ser observado no Gráfico 6, que demonstra a constância anual dos valores e a estabilidade dos preços médios mensais. Apesar dessa característica, a análise de longo prazo indica uma leve tendência de alta nos preços, especialmente a partir de 2022.

Gráfico 3 – Feijão seco: Evolução mensal do preço nominal médio nacional nos principais mercados



Fonte: ODEPA/MINAGRI, Pesquisa de preços 2024.

O Chile tem sido, há tempos, um importador de feijão, e essa dependência continua aumentando. Em 2016, o país importou 9 mil toneladas de feijão seco, enquanto sua produção nacional foi de 18 mil toneladas, resultando em uma dependência de 34% das importações para atender à demanda interna. Nesse mesmo ano, as exportações foram insignificantes, totalizando apenas 191 toneladas.

Em 2023, essa dependência aumentou ainda mais. As importações subiram para em torno de 15 mil toneladas, enquanto a produção nacional caiu para cerca 8,5 mil toneladas, elevando a dependência externa para 65% da disponibilidade aparente de feijão seco. Isso evidencia uma crescente vulnerabilidade do mercado nacional em relação ao abastecimento desse alimento ⁽⁷⁾.

Dados de importação do chile de feijões comuns secos, período de 2020 a 2024

A seguir, apresentamos o Quadro 1, que sintetiza os dados referentes à importação de feijões comuns secos pelo Chile no período de 2021 a 2024.

Ano	Volume em Kg	Cifras em dólar americano
2021	12.034.260,09	12.825.386,10
2022	11.646.659,35	11.384.795,51
2023	14.976.258,79	15.817.415,99
2024	13.098.803,36	15.296.034,95

Fonte: Base de dados Serviço Nacional de Aduanas do Chile 2025.

Entre 2021 e 2024, o Chile importou um total de 51.755,98 toneladas de feijões comuns secos. Deste volume, apenas 794,87 toneladas tiveram origem no Brasil, representando cerca de 1,54% do total importado, com registros nos anos de 2021, 2022 e 2024. Isso indica uma presença limitada dos produtos brasileiros no mercado chileno, sugerindo um potencial significativo para expansão.

No referido período, o mercado chileno de feijões comuns secos foi abastecido majoritariamente pela Argentina e, com menos da metade do volume exportado pelo primeiro o Canadá. A participação de ambos variou de 74% até 90% do “market share” para este produto.

A cultura de feijão no Brasil – produção e consumo nacional e exportação do estoque excedente

O feijão é um alimento básico na dieta dos brasileiros, com um consumo médio atual de 12,7 kg per capita por ano. A preferência dos consumidores varia regionalmente, principalmente em relação à cor e ao tipo de grão. O feijoeiro comum é cultivado ao longo do ano na maioria dos estados brasileiros, garantindo uma oferta constante do produto no mercado. Ele é cultivado tanto em sistemas de subsistência quanto em cultivos altamente tecnificados.

A região Sul ocupa um lugar de destaque no cenário nacional, seguida pelas regiões Sudeste, Nordeste, Centro-Oeste e Norte. No Brasil, os principais estados produtores de feijão-comum são Paraná, Minas Gerais, Goiás, Mato Grosso e São Paulo. Os maiores níveis de produtividade são obtidos nos estados do Brasil Central (São Paulo, Distrito Federal, Goiás, Minas Gerais e Mato Grosso), além de Santa Catarina, Rio Grande do Sul e Paraná.

A Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) confirma a perspectiva de uma safra recorde de grãos na temporada 2024/25, estimada em 330,3 milhões de toneladas. No caso do feijão, a produção prevista deve crescer 2,1%, podendo alcançar 3,3 milhões de toneladas, considerando as três safras da leguminosa. Esse aumento reflete a melhora na produtividade média das lavouras, que passa de 1.135 kg/ha para 1.157 kg/ha, enquanto a área cultivada permanece estável em 2,86 milhões de hectares.

O cenário das exportações também é promissor. Nos primeiros meses de 2025, o Brasil já enviou 95 mil toneladas ao mercado internacional, gerando uma receita de US\$ 83 milhões. A demanda externa segue forte, especialmente em países como Índia, Vietnã e Egito, o que reforça a posição do Brasil como um dos principais fornecedores mundiais de feijão.

Quais são os fatores que podem promover o aumento das exportações de feijões comuns secos em grãos do Brasil para o Chile?

Os dados de 2021 a 2024 indicam que a participação do Brasil no mercado chileno de feijões comuns secos ainda é limitada, o que representa uma oportunidade significativa para ampliar essas exportações. Diversos fatores podem contribuir para esse crescimento, especialmente observando a dinâmica do comércio agropecuário entre Brasil e Chile, como:

- Parceria comercial consolidada

O Chile é um parceiro comercial tradicional do Brasil, mantendo relações estáveis no setor agropecuário. Desde 1996, o Acordo de Complementação Econômica Nº 35 garante tarifa zero para todos os produtos. Em 2022, entrou em vigor o Acordo de Livre Comércio, que aprimorou ainda mais as condições comerciais entre os dois países ao eliminar barreiras técnicas e facilitar as transações comerciais.

- Infraestrutura logística favorável

A estrutura de transporte entre Brasil e Chile favorece o crescimento das exportações, com rotas terrestres bem estabelecidas e perspectivas de melhoria. A futura inauguração do corredor bioceânico promete reduzir significativamente os custos e o tempo de transporte, tornando o comércio entre os países mais eficiente e competitivo.

- Proximidade com regiões produtoras

O Chile está localizado próximo a estados brasileiros que são grandes produtores de feijão, como o Paraná. A distância entre Santiago, Chile, e Curitiba, Paraná, por exemplo, é de aproximadamente 2.500 km por estrada, o que equivale a um tempo de viagem estimado entre 30 e 35 horas de carro ou ônibus. Já pelo transporte aéreo, essa duração pode ser reduzida para cerca de 5 a 7 horas, dependendo das conexões disponíveis. Essa proximidade logística facilita o escoamento da produção e torna a exportação mais viável economicamente.

Esses fatores demonstram que o Brasil tem um grande potencial para expandir sua participação no mercado chileno de feijões comuns secos, tornando-se um fornecedor ainda mais relevante para o país vizinho.